



HAL
open science

Diagnóstico das migrações internacionais entre Brasil, Paraguai e Bolívia

Sylvain Souchaud, Wilson Fusco

► **To cite this version:**

Sylvain Souchaud, Wilson Fusco. Diagnóstico das migrações internacionais entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais, Centro de gestão e estudos estratégicos, pp.266-295, 2008. halshs-00553028

HAL Id: halshs-00553028

<https://shs.hal.science/halshs-00553028>

Submitted on 7 Jan 2011

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



População e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais



População e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais



cgée

Brasília - DF
2008

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE)

Presidenta

Lucia Carvalho Pinto de Melo

Diretor Executivo

Marcio de Miranda Santos

Diretores

Antonio Carlos Filgueira Galvão

Fernando Cosme Rizzo Assunção

Edição e revisão / *Tatiana de Carvalho Pires*

Projeto gráfico / *André Scofano, Paulo Henrique Gurjão*

Diagramação e gráficos / *Paulo Henrique Gurjão e Diogo Rodrigues*

Capa / *Eduardo Oliveira*

C389

Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.

345 p.; Il.; 24 cm

ISBN - 978-85-60755-09-7

1. Demografia. 2. Transição Demográfica. 3. Migração.
4. Políticas Sociais. I. CGEE. II. Título

CDU 325.1

*Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
SCN Qd 2, Bl. A, Ed. Corporate Financial Center sala 1102
70712-900, Brasília, DF
Telefone: (61) 3424.9600
<http://www.cgee.org.br>*

Esta publicação é parte integrante das atividades desenvolvidas no âmbito do Contrato de Gestão CGEE/MCT/2007.

Todos os direitos reservados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Os textos contidos nesta publicação poderão ser reproduzidos, armazenados ou transmitidos, desde que citada a fonte.
Impresso em 2008

Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais

Supervisão:

Antonio Carlos Filgueira Galvão

Consultores:

Fausto Brito (coordenador)

Rosana Baeninger (coordenadora)

Bernardo Lanza Queiroz (CEDEPLAR/UFMG)

Cássio Maldonado Turra (CEDEPLAR/UFMG)

Dimitri Fazito (CEDEPLAR/UFMG)

Fábio Hirano (Nepo/Unicamp)

José Alberto Magno de Carvalho (CEDEPLAR/UFMG)

Juliana Arantes Dominguez (Unicamp)

Maurício Bueno (Unicamp)

Roberta Perez Guimarães (Nepo/Unicamp)

Sylvain Souchaud (Nepo/Unicamp)

Wilson Fusco (Fundaj)

Diagnóstico das migrações internacionais entre Brasil, Paraguai e Bolívia

Sylvain Souchaud
Wilson Fusco

Esse estudo apresenta as tendências das migrações internacionais entre o Brasil e dois de seus vizinhos: Bolívia e Paraguai. Esses quatro fluxos são desigualmente conhecidos e informados. Tradicionalmente, os bolivianos e os paraguaios mantiveram uma relação migratória (emigração) muito forte com a Argentina. Uma corrente de estudos na Argentina e, em proporção menor, na Bolívia e no Paraguai, vem se interessando por essas populações por muito tempo nas diversas áreas das ciências sociais. No Brasil, entretanto, essas populações nunca tiveram representação tão grande como na Argentina, o que, certamente, contribuiu para o relativo desinteresse pela questão. Por outro lado, os estudos migratórios (internacionais) no Brasil se voltaram, desde tempos atrás, para o estudo de populações específicas e historicamente representadas no país, sejam africanas, sejam européias, ou asiáticas, ou então na emigração brasileira para o além-mar, aos Estados Unidos (SALES 1999 ; FUSCO 2005 ; SALES 2006) ou à Ásia. Os conhecimentos acadêmicos no Brasil sobre as migrações internacionais vêm se estruturando geralmente no estudo de populações outras das que nos interessam aqui.

A percepção da população brasileira sobre a imigração dos vizinhos evoluiu, talvez, com a maior visibilidade e logo midiaticização da migração boliviana. Falamos intencionalmente de visibilidade porque, realmente, essa migração não é nova no Brasil e, apesar dessa população ter aumentado – o censo aponta crescimento de 29,9% entre os censos de 1991 e 2000 –, ainda é muito pequena.

Mas o que faz a diferença e talvez pareça aspecto relativamente novo é sua localização, principalmente nos bairros centrais de São Paulo, e suas atividades, o comércio ambulante e a confecção. Logo, essa população migrante concentrada no espaço, especializada na sua atividade, fisicamente diferenciada, que em parte ocupou o espaço público (camelôs) da metrópole, despertou esse novo interesse. Ainda recentemente, pensava-se que a imigração, seja de bolivianos, seja de paraguaios, ou não existia, ou se limitava às margens da nação, nas fronteiras internacionais ou agrícolas. O imigrante boliviano ou paraguaio vivia nas áreas rurais do Mato Grosso do Sul, de Rondônia ou do Acre, empregado no setor agropecuário (peão ou sitiante).

Percebe-se hoje que esse modelo, que correspondeu a uma realidade, evoluiu bastante, e que essas migrações evoluíram muito, no sentido de grande diversificação. Portanto, muito mais que crescimento quantitativo, o que caracteriza essas populações migrantes nos últimos 20 anos é a evolução qualitativa, isto é, a diversificação e complexificação das formas de migrar (percursos e estratégias) e dos perfis socioculturais dos migrantes.



No que se refere a estudos sobre os paraguaios no Brasil, não conseguimos levantar estudos além daqueles da nutrida história regional (principalmente no MS). Esses estudos, além de não se ocupar da atualidade, percebem a migração internacional, não em si, mas como elemento da dinâmica de formação regional. Quanto aos bolivianos, é importante mencionar os trabalhos pioneiros de Sidney Silva (SILVA (DA) 1997 ; 2003 ; 2006). Antropólogo, o autor vem estudando a comunidade boliviana de São Paulo desde o início dos anos 1990. Estudando histórias de vida, descreveu e analisou a difícil inserção social desses migrantes no setor da confecção. Interessou-se pela organização comunitária dessa população e de suas manifestações identitárias, a partir, notadamente, de festas religiosas.

No que se refere à emigração brasileira no Paraguai, as fontes são mais diversas. Essa migração, que começou nos anos 1960-1970, adquiriu rapidamente grande magnitude. Tratando-se de uma migração específica, relacionada a uma colonização agrícola, revestiu-se de caráter geopolítico. Do lado paraguaio, a questão foi trabalhada nas suas conseqüências em termos de soberania nacional e de privação de acesso à terra para as populações locais (LAINO 1977 ; PALAU & HEIKEL 1987 ; FOGEL 1990 ; GALEANO 1993 ; PALAU 1996 ; FOGEL & RIQUELME 2005). Considerada como responsável pela marginalização das populações rurais nacionais e como freio real às possibilidades de reforma agrária, é também responsável pelo forte êxodo rural e pela crise urbana. Do lado brasileiro, Cortêz retomou a questão política dessa população a partir de uma análise antropológica, enfatizando sua difícil inserção e as discriminações que sofreu tanto do lado paraguaio quanto do lado brasileiro, quando, por exemplo, no fim dos anos 1980, parte dela foi expulsa do Paraguai e não foi aceita no Brasil, colocando-a numa situação semelhante a apátridas. (CORTÊZ 1993) Sprandel focalizou os processos de construção de identidade étnica dos “*brasiguaios*” a partir de um trabalho de campo realizado em Mato Grosso do Sul (SPRANDEL 1991). Mais recentemente, em outro trabalho (SPRANDEL 2006), contribuiu para o “estado das artes” sobre a questão.

Outra tradição de estudos, mais ligada à geografia regional, abordou essa migração internacional. Vários autores franceses, alemães, ingleses e holandeses (GAIGNARD 1978; NICKSON 1981; KOHLHEPP 1984; ZOOMERS & KLEINPENNING 1990; NAGEL 1991; NEUPERT 1991; PÉBAYLE 1994; SOUCHAUD 2002; 2005) enfatizaram esse movimento de população em suas várias dimensões territoriais e seus impactos em termos de desenvolvimento, abordando tanto a dinâmica agrícola e rural, quanto a dinâmica urbana dentro da área de colonização. Sem esquecer que esses movimentos se compõem de populações diferentes, as quais, participando de um mesmo movimento, não compartilhavam as mesmas situações (socioeconômicas) nem os mesmos objetivos.

Retomaremos à análise desses movimentos migratórios internacionais, privilegiando uma descrição atual dos fluxos e suas dinâmicas territoriais, para, em seguida, afinarmos a descrição, considerando os espaços e as populações locais, que no conjunto formam esses fluxos internacionais.

Descrição dos fluxos atuais, volumes e processos territoriais

Alguns elementos gerais a partir de diversas fontes estatísticas

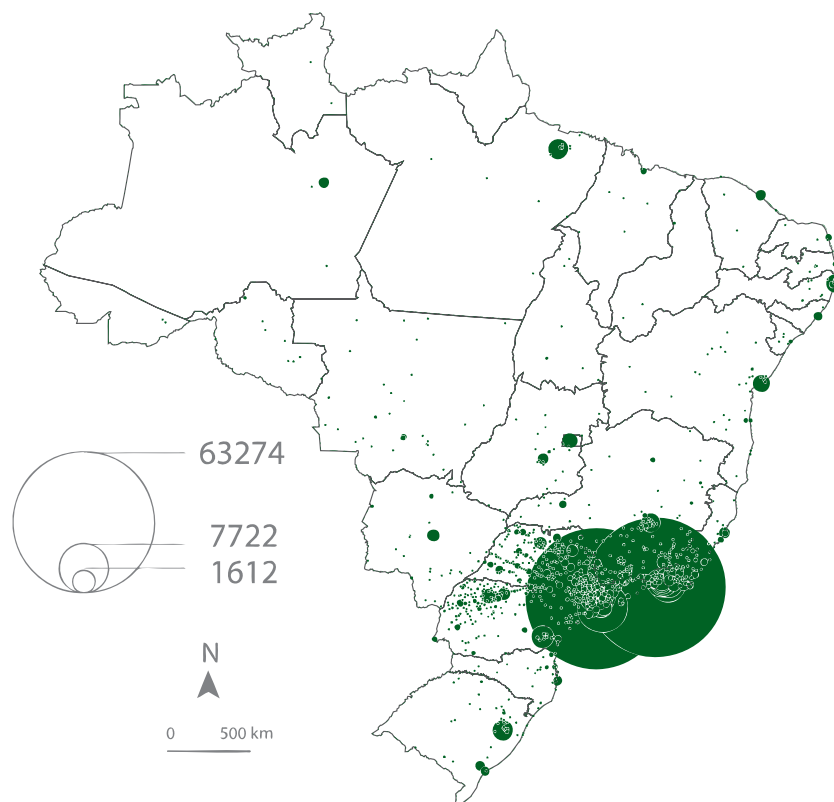
Estudos recentes (CELADE 2002; MARTÍNEZ PIZARRO & VILLA 2002; PELLEGRINO 2003) sobre migração internacional intra-americana mostram, nos últimos 20-30 anos, o aumento relativo e absoluto dos estoques de migrantes sul-americanos frente à imigração do além-mar. Considerando toda a América Latina e Caribe, “el total de imigrantes⁵⁴ de ultramar censados en los países de la región disminuyó de casi cuatro millones de personas en 1970 a menos de dos y medio millones en 1990” (MARTÍNEZ PIZARRO 2001, 3). Considerando a migração dos paraguaios, brasileiros e bolivianos nos três países, podemos mencionar alguns elementos a partir dos dados gerais dos censos. Primeiro, os estoques de migrantes são relativamente baixos, alcançando 149.238 indivíduos em 2000 (entre 2000 e 2002). Essa migração crescente deve ser ponderada com as migrações mais antigas. Por exemplo, apesar do fluxo transatlântico não ser mais alimentado e de perder pouco a pouco seu peso devido à mortalidade, a comunidade portuguesa ainda é a maior comunidade do Brasil (Mapa 1), com 213.209 indivíduos em 2000, ou seja, 31,2% da população nascida no estrangeiro (IBGE, 2000). Os nascidos no estrangeiro, em 2000, são 684.000, ou seja, apenas 0,4% da população do país.

Com exceção dos brasileiros no Paraguai, as comunidades nascidas no estrangeiro, às quais nos referimos, nunca alcançam proporção alta da população nacional, isto é, superior a 1% da população total do país de residência. Além disso, não são contingentes significativos dentro da população emigrada de cada país; na Argentina, como contraponto, tanto os nascidos no Paraguai como os nascidos na Bolívia residentes nesse país são comunidades muito mais importantes, respectivamente 325.000 e 231.000 em 2001 (Censo INDEC, Buenos Aires).

54. É importante insistir no fato que, por convenção, sempre que falarmos de imigrantes ou migrantes, estaremos considerando populações nascidas no estrangeiro. Nos referiremos então a categorias, tais como bolivianos, paraguaios, brasileiros, sem consideração da nacionalidade. Em suma, os imigrantes aqui considerados, por um lado formam uma categoria (ampla mas não exaustiva) dos conjunto de migrantes internacionais e, por outro lado, se diferenciam da categoria “estrangeiro”.



Mapa 1 – Imigrantes portugueses segundo Município de residência no Brasil, 2000



Fonte: Censo 2000, IBGE

Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006

Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>

Destacamos que o estoque total de migrantes intra-sul-americanos aumentou nos últimos 20 a 30 anos. No caso das áreas em questão, nas quais o volume decresceu ligeiramente entre os anos 1990 e 2000, o fenômeno é devido, mais uma vez, à comunidade nascida no Brasil e residente no Paraguai. Diminuiu de 25% entre os dois censos, mas, mesmo assim, em 2000 ela representa 55% de todas as migrações para o país.

Observa-se (Tabela 1 e Tabela 2) que o Paraguai, em função da presença brasileira, é o país onde reside o maior número de estrangeiros oriundos da região estudada, tanto nos anos 1990 como em 2000. Para os bolivianos e paraguaios, o Brasil é o principal país de residência. Em consequência, o Paraguai, país de maior volume de residentes estrangeiros, é também o país de uma só comunidade (os nascidos no Brasil). Bolívia aparece como um país pouco atrativo. O Brasil é um país

de imigração moderada, com estoques comparáveis de bolivianos e paraguaios (“nascidos”). Nota-se, entretanto, que tanto os paraguaios quanto os bolivianos aumentaram fortemente sua presença no Brasil entre 1991 e 2000, em 51,6% e em 29,9%, respectivamente.

Tabela 1 – População censitária por país de residência, segundo o país de nascimento, anos 2000

País de residência	País de nascimento			Total
	Bolívia	Brasil	Paraguai	
Bolívia 2001	-	14.428	3.201	17.629
Brasil 2000	20.388	-	28.822	49.210
Paraguai 2002	1.062	81.337	-	82.399
Total	21.450	95.765	32.023	149.238

Fonte: IMILA, 2006

Tabela 2 – População censitária por país de residência, segundo o país de nascimento, anos 1990

País de residência	País de nascimento			Total
	Bolívia	Brasil	Paraguai	
Bolívia 1992	-	8.586	955	9.541
Brasil 1991	15.694	-	19.018	34.712
Paraguai 1992	766	107.694	-	108.460
Total	16.460	116.280	19.973	152.713

Fonte: IMILA, 2006

A imigração dos paraguaios e dos bolivianos é, portanto, um fenômeno que vem ganhando importância, e cujas modalidades provavelmente evoluíram no período recente. Acabamos de apresentar os dados dos censos nacionais. Esses censos não abrangem a totalidade das populações imigrantes, sejam ou não clandestinas. Essa subestimação há de ser importante no caso de populações que se caracterizam por suas dificuldades de integração socioeconômica no país de destino. Bolivianos e paraguaios são, em sua maioria, imigrantes pouco qualificados, fato muitas vezes relacionado com as carências de integração formal e administrativa. As estimativas sobre a presença boliviana e paraguaia variam muito. A Pastoral do Migrante, por exemplo, estima que em Corumbá residam de 7.000 a 8.000 bolivianos, quando o censo do IBGE registrou 1.098 indivíduos em 2000. Em São Paulo, a Pastoral do Migrante estima que existam 80.000 bolivianos residentes, enquanto o censo 2000 aponta 7.722 pessoas. No caso dos brasileiros no Paraguai, também existe um sub-registro, devido a outras razões, principalmente históricas. O censo da população do Paraguai em



2002 revela o número de 82.299 (Tabela 1) brasileiros. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) (Tabela 3) estima que são 378.247 em 2002. Essas variações entre as estimativas e os censos, e entre as próprias estimativas, apontam tanto a instabilidade dessas correntes migratórias quanto o provável desconhecimento dos números reais.

Tabela 3 – Estimativa de brasileiros residentes no Paraguai e na Bolívia, em 2002

Região do Consulado	População
Ciudad del Este	300 071
Salto del Guairá	53 054
Asunción	8 156
Encarnación	7 303
Concepción	4 867
Pedro Juan Caballero	4 796
Paraguai	378 247
Santa Cruz de la Sierra	3 062
La Paz	1 957
Cochabamba	1 001
Puerto Suarez	357
Guayaramerín	182
Bolívia	6 559

Fonte: MRE, 2002

A territorialização dos migrantes internacionais, a forte implicância das fronteiras internacionais e dos espaços metropolitanos

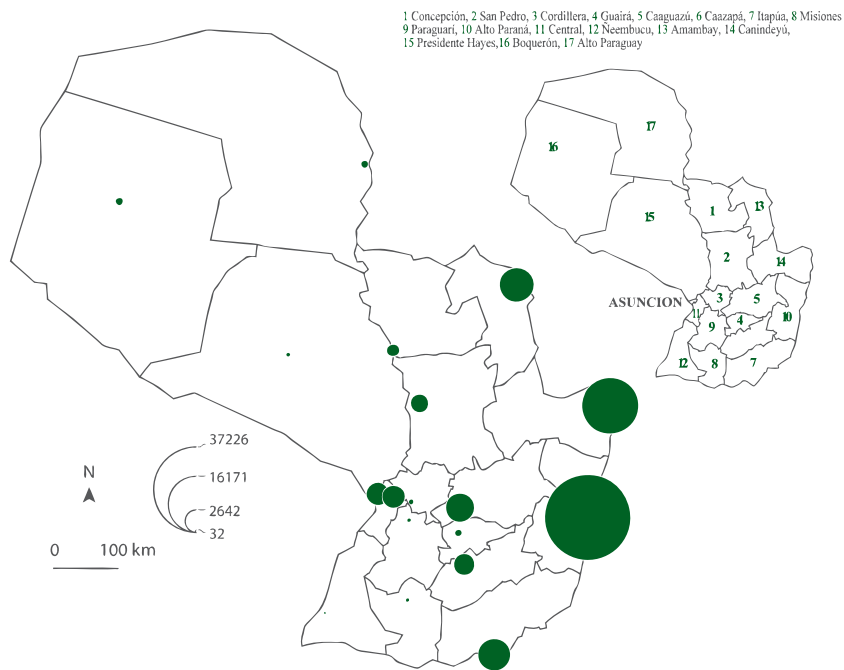
Ao considerar os locais de residência dos migrantes a partir dos censos nacionais de população (INE, IBGE, DGEEC), constata-se o papel importante das fronteiras. Apesar desse ponto comum a todas as migrações, tanto a migração brasileira no Paraguai e na Bolívia, quanto a migração boliviana no Brasil e a migração paraguaia no Brasil têm diferenças que cabem aqui ressaltar⁵⁵.

Os migrantes brasileiros no Paraguai, que representam o essencial da migração regional

⁵⁵. Teoricamente 6 casos de migração internacional. Deixaremos de lado dois deles, a migração paraguaia na Bolívia e a migração boliviana no Paraguai, por serem pouco relevantes (Tabela 1 e Tabela 2).

enfocada, concentram-se (74%) em três dos cinco departamentos fronteiriços com o Brasil (Mapa 2), isto é, o Alto Paraná, o Canindeyú e o Amambay. No caso da migração brasileira na Bolívia, o departamento de Santa Cruz concentra 50,3% da migração total brasileira (Mapa 3). O Mapa 4 mostra que a concentração se repete dentro do departamento em duas áreas distintas: na província ocidental de Andrés Ibañez, onde se encontra a capital Santa Cruz de la Sierra, e nas duas províncias da fronteira, Germán Busch (no sul) e Angel Sandóval (no norte).

Mapa 2 – Imigrantes brasileiros segundo departamento de residência no Paraguai, 2002



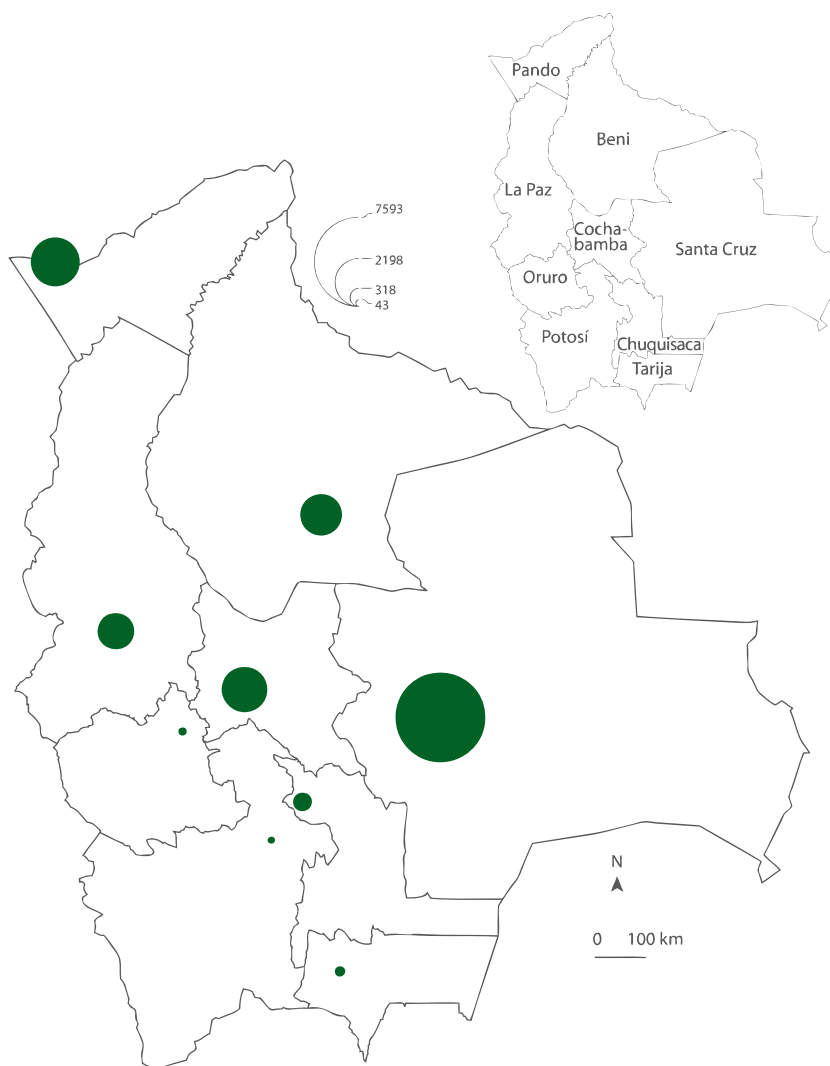
Fonte: Censo 2000, IBGE

Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006

Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>



Mapa 3 – Imigrantes brasileiros segundo departamento de residência na Bolívia, 2001.

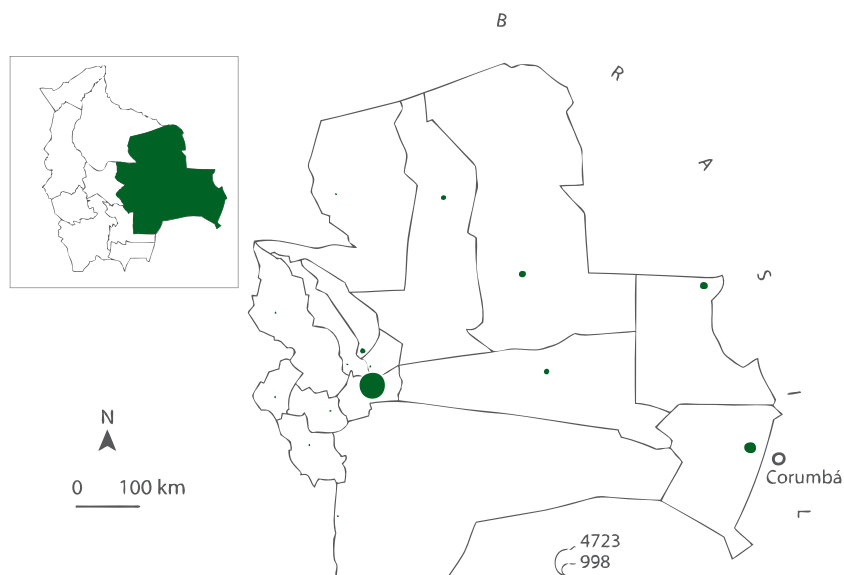


Fonte: Censo 2000, IBGE

Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006

Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>

Mapa 4 – Imigrantes brasileiros segundo Provincia de residência no departamento de Santa Cruz na Bolívia, 2001



Fonte: Censo 2000, IBGE

Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006

Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>

Tabela 4 – Brasileiros residentes na Bolívia, segundo departamento de residência, 2001

Departamento	N	%
Chuquisaca	318	0,3
La Paz	1238	1,3
Cochabamba	1924	2,0
Oruro	59	0,1
Potosí	43	0,0
Tarija	94	0,1
Santa Cruz	7593	8,0
Beni	1607	1,7
Pando	2198	2,3
Bolívia	15074	16,0
Total imigrantes	94391	100,0

Fonte: INE, La Paz, 2001.

Obs.: os totais dos brasileiros na Bolívia e no Paraguai (Tabelas 4 e 5) apresentam leves diferenças (Tabelas 1 e 2) devido ao uso de fontes diferentes.



Tabela 5 – Brasileiros residentes no Paraguai segundo departamento de residência, 2002

Departamento	N	%
Asunción	2642	3,3
San Pedro	776	1,0
Concepción	1669	2,1
Cordillera	145	0,2
Guairá	236	0,3
Caaguazú	4184	5,2
Caazapá	2308	2,9
Itapúa	5253	6,6
Misiones	84	0,1
Paraguarí	88	0,1
Alto Paraná	37226	46,5
Central	2623	3,3
Ñeembucú	32	0,0
Amambay	5954	7,4
Canindeyú	16171	20,2
Presidente Hayes	94	0,1
Boquerón	308	0,4
Alto Paraguay	291	0,4
Total	80084	100,0

Fonte, DGEEC, Asunción, 2002.

Obs.: os totais dos brasileiros na Bolívia e no Paraguai (Tabelas 4 e 5) apresentam leves diferenças (Tabelas 1 e 2) devido ao uso de fontes diferentes.

A migração dos brasileiros nos países vizinhos foi bastante estudada no caso do Paraguai (NICKSON 1981 ; PALAU & HEIKEL 1987 ; SALES 1996 ; HAESBAERT 1999 ; KOHLHEPP 1999 ; SOUCHAUD 2002)⁵⁶, e muito pouco no caso da Bolívia. Essas migrações correspondem, em grande parte, à progressão da fronteira agrícola. Esse elemento induz várias características socioespaciais no país de destino. As zonas ocupadas (franja extrema oriental do Paraguai e meia-lua oriental ao leste de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia) pela colonização agrícola são zonas de pouca ocupação anterior. Os migrantes constroem novos espaços, rurais e urbanos. A atividade principal é a agropecuária e, so-

56. Cabe ressaltar, porém, que se desenvolve uma nova migração de brasileiros para o Chaco paraguaio. Segundo as poucas informações recolhidas na região, ela tem duas facetas. Primeiro, fazendeiros comprariam terras na zona fronteiriça para a criação de gado bovino (carne). Essa ocupação implica em poucos migrantes, mas grandes extensões de terras. Segundo, migrariam brasileiros na área de colonização menonita (centro do Chaco) onde integrariam tanto a atividade rural como urbana, não superando, segundo estimativas locais, os 500 indivíduos.

bretudo, a cultura intensiva de exportação (a soja, no caso), com a qual se desenvolvem várias atividades⁵⁷ comerciais e de serviços, com implantação urbana. Os migrantes se concentram no espaço, formando uma “mancha” de colonização. Cabe enfatizar que essa progressão areolar não se define necessariamente a partir da linha da fronteira (como no caso paraguaio), mas pode aparecer a várias centenas de quilômetros da fronteira internacional⁵⁸. Assim, a presença brasileira na fronteira (províncias de Germán Busch e Angel Sandóval) com Mato Grosso do Sul não corresponde à progressão da frente agropecuária da soja e do gado, como observada na província de Andrés Ibañez.

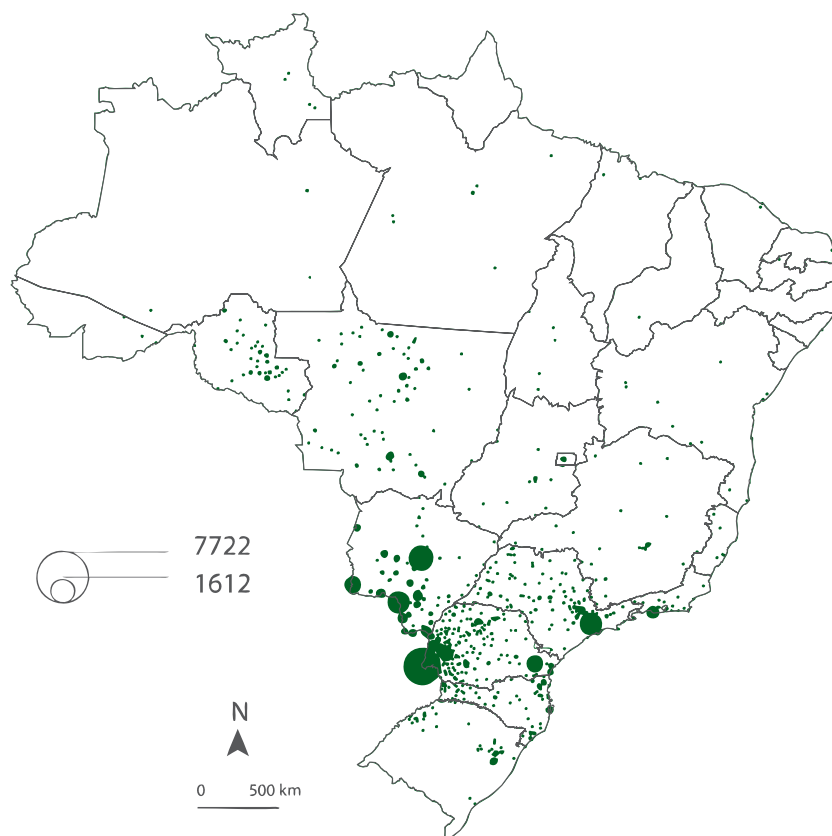
A migração dos paraguaios (Mapa 5) no Brasil caracteriza-se pela grande dispersão no território nacional. A instalação reveste dois aspectos: uma ocupação fronteiriça, no Mato Grosso do Sul e no Paraná, em municípios (Mapa 5) ou microrregiões (Tabela 6) que contam com uma cidade de médio porte (Foz do Iguaçu, Dourados, Cascavel, Toledo), e uma presença nos municípios ou microrregiões que contam com grandes cidades no interior (Campo Grande e Campinas) e no litoral (Porto Alegre, Florianópolis). Os espaços com uma grande metrópole (São Paulo e Rio de Janeiro) não são particularmente privilegiados.

57. No caso do Paraguai (IMILA 2006) aproximadamente 50% dos migrantes brasileiros ativos são ocupados no setor primário da economia.

58. Insistimos no fato que a presença brasileira na fronteira (províncias de Germán Busch e Angel Sandóval) com Mato Grosso do Sul não corresponde à progressão da frente agropecuária da soja e do gado. Essa frente limita sua presença na província de Andrés Ibañez.



Mapa 5 – Imigrantes paraguaios segundo Município de residência no Brasil, 2000



Fonte: Censo 2000, IBGE

Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006

Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>

Tabela 6 – Paraguaios com residência no Brasil por microrregião, em 2000 (efetivos superiores a 200)

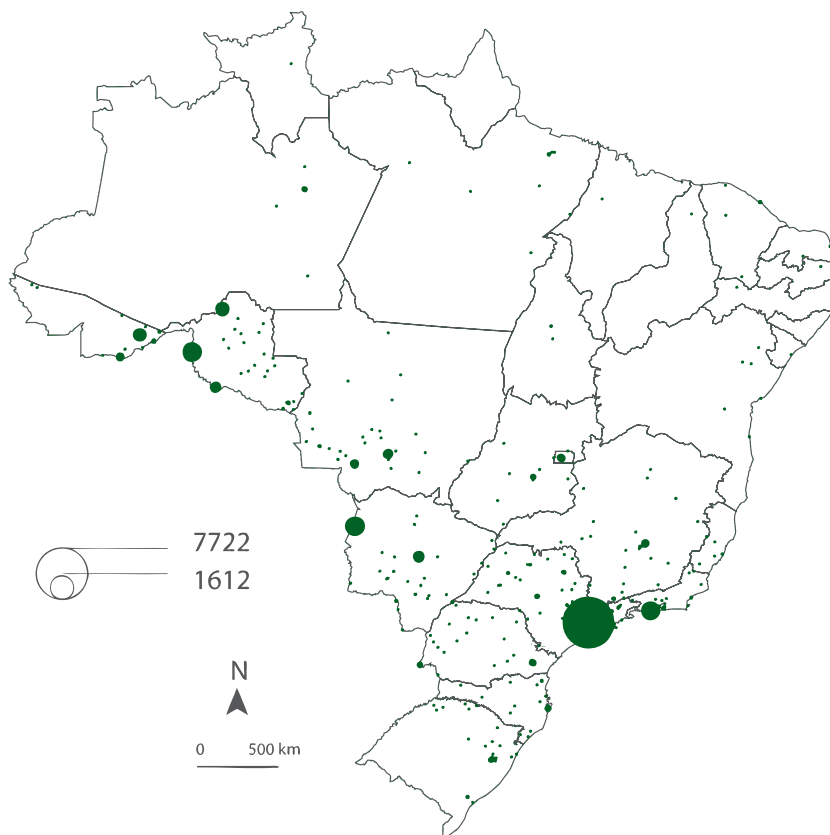
Microrregião	N	%	% acumulada
Foz do Iguaçu	4 710	16,3	16,3
Dourados	2 454	8,5	24,9
Campo Grande	1 926	6,7	31,5
São Paulo	1 567	5,4	37,0
Curitiba	1 457	5,1	42,0
Toledo	1 319	4,6	46,6
Iguatimi (MS)	1 206	4,2	50,8
Baixo Pantanal	961	3,3	54,1
Cascavel	851	3,0	57,1
Rio de Janeiro	536	1,9	58,9
Bodoquena (MS)	491	1,7	60,6
Campinas	452	1,6	62,2
Sinop (MG)	376	1,3	63,5
Aquidauana (MS)	370	1,3	64,8
Cuiabá	344	1,2	66,0
Porto Alegre	315	1,1	67,1
Guarapuava (PR)	284	1,0	68,1
Paranaguá	268	0,9	69,0
Maringá	236	0,8	69,8
Joinville (SC)	227	0,8	70,6
Umuarama	227	0,8	71,4
Ji-Paraná (RO)	212	0,7	72,1
Cacoal	210	0,7	72,9
Florianópolis	209	0,7	73,6
Total parcial	21.208	73,6	
Total Brasil	28.822	100,0	

Fonte: IBGE, Censo 2000.



A migração boliviana no Brasil revela ainda outro tipo de espacialização. O Mapa 6 mostra a presença importante dos migrantes nas áreas de fronteiras, tanto no Mato Grosso do Sul quanto no Mato Grosso, em Rondônia e no Acre. Além da dimensão nitidamente fronteiriça da migração, observa-se (Tabela 7) a concentração na região metropolitana de São Paulo (microrregiões de São Paulo, 39,3%; Guarulhos, 1,9%; Osasco, 1,4%), que não tem comparação com qualquer outra microrregião do país.

Mapa 6 – Imigrantes bolivianos segundo Município de residência no Brasil, 2000



Fonte: Censo 2000, IBGE
Soulchaud/Fusco IRD-NEPO/UNICAMP, 2006
Feito com Philcarto - <http://perso.club-internet/philgeo>

Tabela 7 – Bolivianos com residência no Brasil por microrregião, em 2000 (efetivos superiores a 200)

Microrregião	N	%	%acumulada
São Paulo	8 004	39,3	39,3
Guajará-Mirim (Rondônia)	1 436	7,0	46,3
Rio de Janeiro	1 219	6,0	52,3
Baixo Pantanal (Mato Grosso do Sul)	1 179	5,8	58,1
Rio Branco (Acre)	699	3,4	61,5
Porto Velho	642	3,1	64,6
Campo Grande	388	1,9	66,5
Guarulhos (região metr. sp)	385	1,9	68,4
Cuiabá	374	1,8	70,3
Osasco (região metr. sp)	290	1,4	71,7
Brasiléia (Acre)	279	1,4	73,1
Belo Horizonte	266	1,3	74,4
Alto Pantanal	245	1,2	75,6
Brasília	211	1,0	76,6
Total parcial	15 617	76,6	
Total Brasil	20 288	100,0	

Fonte : IBGE, Censo 2000.

Elementos para uma tipologia das migrações internacionais a partir da noção de fronteira

Aparecem na região, então, três tipos espaciais de migrações internacionais:

Caso 1, fronteiro de vizinhança recíproca;

Caso 2, fronteiro unilateral;

Caso 3, urbano diversificado;

Caso 4, metropolitano exclusivo.

O caso 1 é comum em parcelas das quatro migrações internacionais observadas e refere-se à migração transfronteiriça, essencialmente dirigida a centros urbanos da fronteira. São, por exemplo, os brasileiros de Porto Suárez, na Bolívia, ou de Ciudad del Este, no Paraguai; os paraguaios de Ponta Porã ou os bolivianos de Corumbá e Guajará-Mirim.

O caso 2 refere-se à colonização agrícola brasileira no Paraguai e na Bolívia.

O caso 3 refere-se à migração paraguaia nas áreas urbanas litorâneas e sublitorâneas das regiões Sul e Sudeste do Brasil.



O caso 4 refere-se à migração dos bolivianos na região metropolitana de São Paulo.

Nos dois primeiros casos, referimo-nos à noção de fronteira. É preciso, então, esclarecer como entendemos a palavra “fronteira”.

Fronteira distingue-se tradicionalmente de zona (frontier) ou linha (boundary). Considerada geralmente em sua acepção política ou geopolítica (FOUCHER 1988), a fronteira é a demarcação no espaço do poder de um estado soberano. Porém, uma parte importante da literatura sobre fronteiras enfoca o processo de ocupação/apropriação de novas terras, área de pesquisa bem representada na América. Retomando a idéia de fronteira como zona, as ciências sociais foram considerando e estudando a fronteira como um recurso e um lugar de reprodução social, e não somente como um limite e obstáculo.

O que distingue o caso 1 do caso 2 é a maneira como os migrantes se inserem no espaço de fronteira. No primeiro caso, a migração “fronteiriça de vizinhança recíproca”, os migrantes procuram na zona imediata à fronteira internacional uma vantagem em termos de mercado de trabalho, de serviços (saúde, educação) etc. Ou seja, uma oportunidade para uma inserção socioeconômica e de acesso a serviços. É uma migração de proximidade (os migrantes podem vir de longe, mas vão perto da fronteira), é uma migração diversificada socialmente, antiga e seus fluxos são reversíveis (em função de evoluções conjunturais ou estruturais). Essa migração é, majoritariamente, urbana ou procura a proximidade de centros urbanos importantes. Importante, nesse caso, designa um centro regional que pode ser grande ou não em termos demográficos; o que importa é o tamanho do espaço organizado à volta desse centro e a posição fronteiriça desse território organizado. Em consequência, pode-se considerar como centros importantes tanto Santa Cruz de la Sierra ou Campo Grande, num extremo, quanto Filadelfia (Chaco paraguaio), no outro. Na posição intermediária, encontramos centros urbanos médios, como Ciudad del Este, Pedro Juan Caballero, Corumbá e Puerto Suárez, que combinam proximidade da fronteira e importância demográfica.

No segundo tipo, caso da migração “fronteiriça unilateral”, a fronteira, no sentido de espaço, área, corresponde a uma zona de difusão, onde elementos, fenômenos socioespaciais se encontram em ambos os lados, apresentando poucas variações, mas com origem e impulsão de um só lado. Migração que revela a emergência de um “espaço social” e a “produção de um espaço” (LEFEBVRE 2000) no destino. Define-se, então, pela difusão/(re)produção de fenômenos, o que não implica necessariamente uma continuidade espacial. A progressão da colonização agrícola brasileira além das fronteiras ilustra esse ponto. Em ambos os lados da fronteira, os granjeiros brasileiros reproduzem um sistema de organização socioespacial, seja no Paraguai, seja na Bolívia. No primeiro esquema, a progressão areolar ocorre sem ruptura no espaço, pois ambas as margens do trecho fronteiriço do rio Paraná apresentam as mesmas paisagens e têm sua origem na região Sul do Brasil. No caso boliviano, ocorre a mesma difusão de uma organização socioespacial, mas com uma interrupção, um vazio, de aproximadamente 1.000 km, correspondente a área extensiva do Pantanal

brasileiro e demais pântanos do extremo oriente boliviano. Mesmo assim, os dois modelos de difusão não nos parecem muito diferentes, pois procedem da mesma dinâmica, somente adaptam sua progressão aos obstáculos naturais, conforme o estado de conhecimentos técnicos e tecnológicos⁵⁹. Geralmente, é uma migração que se dá em várias escalas. É uma migração com forte implicação de setores rurais, ou melhor, de ativos do setor agropecuário, é uma migração recente e os fluxos são unilaterais.

A distinção essencial entre o caso 1 e o caso 2 repousa na função da fronteira na migração internacional. No primeiro, a migração internacional insere-se em um modelo socioespacial pré-existente, no qual a migração não tem vocação a modificar radicalmente, mas somente alimentar o processo já existente; existe, então, uma forma, uma reciprocidade. No tipo 2, a migração internacional difunde um modelo de organização socioespacial originário do lugar de saída, mas não se insere em um esquema preexistente, ou, caso existir, não chega a modificá-lo profundamente. Em termos de escala espacial, o modelo 1 insere-se nas franjas fronteiriças, em área limitada, inferior a 100 km, em nível local (escala micro). O tipo 2 insere-se em espaços que atingem a dimensão regional (escala macro).

Na migração “urbana diversificada”, os lugares de migração correspondem a áreas (microrregiões) espalhadas no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país. À primeira vista, não se nota uma atração ligada à importância absoluta do centro urbano localizado dentro da microrregião. Na Tabela 7, por exemplo, nota-se que as microrregiões de Toledo, Curitiba e São Paulo têm atração comparável. O que parece prevalecer é a noção de centro regional, sendo estes menores no interior e nas metrópoles do litoral do Sudeste, por exemplo. Outro elemento que se destaca é a importância, em termos de atratividade, dos centros litorais das regiões Sul e Sudeste. Evidentemente, em nível nacional, a estrutura territorial do litoral e próxima ao litoral diferencia-se muito da estrutura do interior, de modo que a franja litorânea oferece mais oportunidades reais ou supostas para os migrantes. Mas essa atração diferenciada entre o litoral e o interior não vale no Paraná, nem no Mato Grosso do Sul. À espacialização diferenciada dos migrantes em cada Estado do conjunto Sul/Sudeste/Centro-Oeste corresponderiam situações territoriais diferentes entre um Estado e outro? Dito de maneira diferente, a presença de migrantes internacionais, tanto em Curitiba (próxima ao litoral) e Paranaguá (litoral), quanto em Toledo e Maringá (interior), por um lado, e a presença em Porto Alegre e ausência no interior do Rio Grande do Sul, por outro lado, refletiria uma organização do território diferenciada entre os dois estados, em que o Paraná demonstra integração maior de seus espaços interiores? Ou então será pela simples razão da proximidade com o Paraguai que os paraguaios estão mais presentes e mais espalhados no Paraná do que no Rio grande do Sul, estado já distante?

59. Com efeito, os “vazios” deixados pela colonização se podem preencher com a evolução dos conhecimentos tecnológicos e sua disponibilização e difusão. Um exemplo é dado nos cerrados, julgados muito tempo como impróprios para os cultivos intensivos, e que concentram hoje a maior parte da produção granjeira.



A categoria “metropolitana exclusiva” corresponde à situação da migração dos bolivianos em São Paulo. Os bolivianos se concentram de maneira muito forte nessa metrópole. Essa concentração é interessante por duas razões. Primeiro, porque para nenhuma outra das comunidades consideradas observa-se essa concentração. Segundo, porque os bolivianos, fora de São Paulo, quase não estão presentes nos outros grandes centros do país, nas regiões Sudeste e Sul. Corresponde, então, a um tipo de migração muito diferente do tipo anterior. As razões que podem ser aventadas têm a ver com dois elementos ligados. A migração boliviana no Brasil (fora da migração caso 1) é uma migração recente, e a migração em São Paulo é muito ligada a uma atividade específica: a confecção. Esses elementos explicariam que a migração ainda não se diversificou em termos espaciais. Os primeiros elementos da pesquisa de campo em Corumbá (realizada em outubro de 2006, projeto NEPO-IRD) mostram que a migração boliviana no Brasil não é propriamente recente, mas vem ganhando importância nos últimos tempos. Junto com o crescimento recente do fluxo, observa-se nítida diversificação dos perfis dos migrantes: tanto geográfica (origem e destino) como social. A partir daí, pode-se imaginar que nos próximos tempos a migração boliviana no Brasil conhecerá evoluções importantes.

Depois de identificar esses quatro casos de migração, surge uma pergunta. Essas migrações funcionam de maneira independente ou de maneira complementar? Podemos oferecer alguns elementos como resposta⁶⁰. Obviamente, os migrantes podem passar de um caso a outro e articular dentro de um processo migratório dois ou mais tipos. Essa articulação entre os casos de migração é forte entre os casos 1 e 4, por exemplo, e ocorre dentro da mesma estratégia migratória. Assim, devido às dificuldades administrativas cada vez maiores que enfrentam os migrantes com a crescente limitação (ou controle) das migrações internacionais, as trajetórias espaciais modificam-se, ganhando em complexidade. Em Corumbá, o número de bolivianos recenseados é um pouco maior que 1.000 indivíduos e, segundo várias fontes de informação, muitos deles teriam chegado a Corumbá com a intenção de migrar para São Paulo. Essa idéia até hoje não foi comprovada. A permanência em Corumbá é facilitada pelo baixo controle na fronteira e pelo estatuto oficial de fronteiriço, que permite aos estrangeiros de países vizinhos morar, trabalhar e estudar em Corumbá. Tais facilidades não existem fora do município, limite a partir do qual se exercem controles e restrições à migração. A cidade serviria, então, para alguns migrantes como espaço de trânsito. O migrante tem a possibilidade de acumular experiências e benefícios diversos, financeiros, relacionais, culturais, que lhe permitirão tentar migrar para São Paulo. O mais provável, entretanto, é que a migração para São Paulo se faça sem etapa residencial na fronteira. Então, as conexões entre essas duas migrações, Corumbá (isto é, área de fronteira) e São Paulo, caso existam, são outras, e talvez passem pela organização fa-

60. Trabalhamos com dados de estoque de migrantes, e para estudar trajetórias teríamos que começar por usar os dados de data fixa. Os dados de data fixa apresentados pelo IMILA são pouco detalhados, no que se refere aos lugares, e incompletos, no sentido de muitas lacunas de informação (indocumentados e não resposta).

miliar e não individual da migração. Em outras palavras, uma mesma família poderia ter indivíduos em vários lugares do Brasil. Isso seria característica recente da migração; para os casos de migração mais antiga, a tendência principal teria sido mais a concentração familiar num só lugar. Hipóteses que precisam ser investigadas no futuro porque, caso se confirmem, evidenciariam complexificação e diversificação das redes sociais e espaciais da migração boliviana, fato que, por sua vez, possibilitaria crescimento da dinâmica migratória.

As conexões entre as diferentes migrações aparecem e, de certa forma, mostram que a migração, apesar de sua diversidade e complexidade, deve ser considerada como sistema.

Enfoques locais da diversidade migratória: populações e espaços

Bolivianos em São Paulo, Corumbá, Guajará-Mirim e Rio de Janeiro; paraguaios na fronteira e no sul do Brasil

Os estoques de pessoas nascidas no Paraguai e na Bolívia, para datas determinadas, são apresentados na Tabela 8, além do crescimento relativo do estoque entre as datas. A população nascida no Paraguai tem aumento expressivo durante a década de 1960, mas a década seguinte representa diminuição no mesmo nível; nos anos 1980, podemos perceber elevação modesta, enquanto no período mais recente o aumento do estoque foi o mais importante, representando mais de 50% de acréscimo para a população de nascidos no Paraguai. Aqueles nascidos na Bolívia, por outro lado, compõem um estoque que cresce continuamente e de forma estável, desde os anos 1960; os nascidos na Bolívia, que em 1960 eram equivalentes a aproximadamente metade dos nascidos no Paraguai, chegam a 70% destes no período mais recente.

Tabela 8 – População residente no Brasil segundo país de nascimento, Paraguai e Bolívia, nos últimos 5 censos e por variação relativa entre os censos

Período	Paraguai	% var	Bolívia	% var
1960	17.748		8.049	
1970	20.025	12,8	10.712	33,1
1980	17.560	-12,3	12.980	21,2
1991	19.018	8,3	15.694	20,9
2000	28.822	51,6	20.388	29,9

Fonte: IMILA/CELADE, 2006.



A população nascida no Paraguai encontra-se distribuída por 681 municípios brasileiros, com concentração em determinados locais (Tabela 9). Os maiores agrupamentos de paraguaios são encontrados em Foz do Iguaçu, Campo Grande, São Paulo e Ponta Porã. O expressivo volume de paraguaios em Foz do Iguaçu e, em menor escala, em Ponta Porã, é explicado pela localização desses municípios na fronteira Brasil-Paraguai. De fato, a maior parte das pessoas nascidas no Paraguai está concentrada em municípios próximos da fronteira, nos estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul.

Tabela 9 – Paraguaios por Municípios de residência selecionados, 2000

Município	N	%
São Paulo	1420	4,9
Foz do Iguaçu	4021	14,0
Campo Grande	1785	6,2
Ponta Porã	1400	4,9
Outros	20196	70,1
Total	28822	100,0

Fonte: Censo IBGE, 2000.

O estoque de pessoas nascidas na Bolívia soma 20.388 imigrantes, distribuídos de forma desigual pelos municípios brasileiros. Conforme mostra a Tabela 10, quase 38% estão em São Paulo, enquanto Corumbá, Guajará-Mirim e Rio de Janeiro têm aproximadamente 5% do estoque em cada município; outros sete municípios brasileiros apresentam índices de 1% a 3% e, nos outros 315 municípios que exibem alguma proporção de pessoas nascidas na Bolívia, o índice fica abaixo de 1%.

Tabela 10 – Bolivianos por Municípios de residência selecionados, 2000

Município	N	%
São Paulo	7725	37,9
Corumbá	1100	5,4
Guajará-Mirim	1073	5,3
Rio de Janeiro	1021	5,0
Outros	9469	46,4
Total	20388	100,0

Fonte: Censo IBGE, 2000.

O histórico migratório de pessoas nascidas no Paraguai que vieram ao Brasil remonta ao início do século, mas o número desses imigrantes antes dos anos 1920 é pouco expressivo. Campo Grande é o município que mais concentra paraguaios que vieram na segunda metade do século

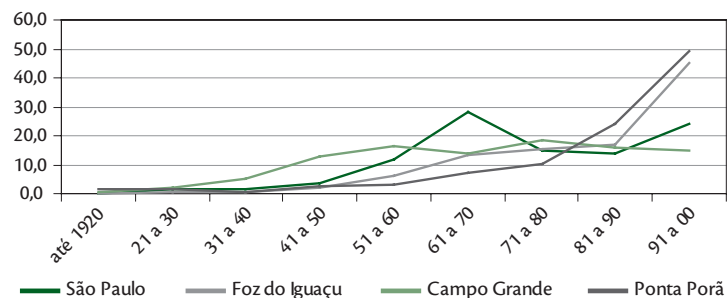
passado, correspondentes a quase 21% do estoque da cidade. Dos residentes em Ponta Porã, por outro lado, quase 50% chegaram nos anos 1990. Foz do Iguaçu também apresenta forte concentração de pessoas nascidas no Paraguai que chegaram nos anos 1990, mas já nos anos 1960 o número de chegadas aumentava de forma significativa. São Paulo, por outro lado, exibe como principal período de chegada os anos 1960, ainda que a última década tenha atraído uma população considerável.

Tabela 11 – Paraguios segundo período de chegada no Brasil, por município de residência selecionado, 2000

Período	São Paulo	Foz do Iguaçu	Campo Grande	Ponta Porã
até 1920	0,0	0,0	0,7	1,4
21 a 30	1,6	0,5	2,2	1,6
31 a 40	1,4	0,3	5,4	0,6
41 a 50	3,7	2,3	12,9	2,6
51 a 60	12,0	6,0	16,4	3,1
61 a 70	28,4	13,5	13,7	7,3
71 a 80	15,1	15,3	18,3	10,4
81 a 90	13,7	17,2	15,7	24,0
91 a 00	24,2	44,9	14,8	49,1
Total %	100,0	100,0	100,0	100,0
Total N	1420	4021	1785	1400

Fonte: Censo IBGE, 2000.

Gráfico 1 – Paraguios segundo período de chegada no Brasil, por município de residência selecionado, 2000



Fonte: Censo IBGE 2000.

Para cada um dos quatro municípios brasileiros selecionados como local de chegada de bolivianos, o histórico dos fluxos migratórios (Tabela 12) apresenta diferentes proporções em diferentes momentos. Enquanto em Guajará-Mirim a chegada de bolivianos aconteceu principalmen-



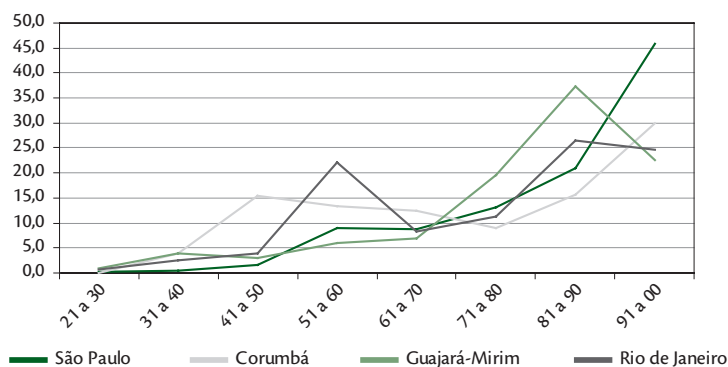
te entre 1970 e 1990, no Rio de Janeiro houve um influxo considerável nos anos de 1950, decaindo nas duas décadas seguintes e voltando a crescer a partir de 1980; em Corumbá percebemos grande proporção de imigrantes chegando entre 1940 e 1970, seguida de diminuição do fluxo na década de 1970 e a retomada do movimento a partir de 1980, enquanto em São Paulo o movimento ganha força a partir de 1970, mas é principalmente na década de 1990 que a maior parte dos imigrantes chega ao município.

Tabela 12 – Bolivianos segundo período de chegada no Brasil, por município de residência selecionado, 2000

Período	São Paulo	Corumbá	Guajará-Mirim	Rio de Janeiro
21 a 30	0,2	0,0	0,8	0,7
31 a 40	0,4	3,9	3,9	2,6
41 a 50	1,6	15,4	2,9	3,9
51 a 60	8,9	13,5	6,1	22,0
61 a 70	8,7	12,5	6,8	8,3
71 a 80	13,2	9,1	19,7	11,4
81 a 90	21,1	15,7	37,3	26,4
91 a 00	46,0	30,0	22,6	24,6
Total %	100,0	100,0	100,0	100,0
Total N	7725	1100	1073	1021

Fonte: Censo IBGE 2000.

Gráfico 2 – Bolivianos segundo período de chegada no Brasil, por município de residência selecionado, 2000



Fonte: Censo IBGE 2000.

“Brasiguaios” na fronteira agrícola do oriente paraguaio

A migração de brasileiros para o Paraguai ocorreu de forma massiva a partir da década de 1970. Várias ondas de migração constituídas por diversos atores contribuíram ao remodelar as paisagens do oriente paraguaio e ao transformar as dinâmicas territoriais no Paraguai. O processo territorial assemelha-se a uma anexação territorial, devido ao fato de que o processo pioneiro, dirigido por certos atores brasileiros, produz a renovação da paisagens do território oriental e uma notável segregação socioespacial.

Depois de breve resenha histórica da migração internacional brasileira, caracterizando os fluxos migratórios, suas origens geográficas, composição social e distribuição no espaço de destino, ou seja, o oriente paraguaio, apresentaremos alguns dados recentes do censo 2002.

Em sua história, o Paraguai tem sido, em comparação com os demais países do Cone Sul, um país de pouca imigração internacional. Adela Pellegrino (apud, MARTÍNEZ PIZARRO 2003) considera que dos 11 milhões de europeus que chegaram à América Latina, constituídos por 38% de italianos, 28% de espanhóis e 11% de portugueses, a metade radicou-se na Argentina e mais de um terço no Brasil. O Paraguai conheceu uma imigração de pouca intensidade, cujos elementos mais relevantes foram a imigração alemã, no departamento de Itapúa, por exemplo, e a imigração dos menonitas, no Chaco e demais departamentos orientais. Entretanto, a partir dos anos 1960 e sobretudo dos anos 1970, o Paraguai transformou-se em um país de imigração latino-americana de primeira importância com a chegada dos brasileiros.

Essa imigração está relacionada com aspectos geopolíticos, econômicos, sociais e geográficos. Em primeiro lugar, a ditadura Stroessner orientou mudanças na política de cooperação regional, que se definiu por uma aproximação do Brasil. Um dos aspectos privilegiados da cooperação foi a chamada a uma imigração brasileira, rural, agrícola, modernizadora, tema recorrente nos discursos de Stroessner, cujo objetivo era a ocupação das terras de florestas do oriente do país, que têm solos muito ricos e favoráveis ao desenvolvimento de agricultura intensiva e exportadora.

Por outro lado, a situação pela qual passava o Brasil favoreceu esse movimento da população até o Paraguai. O processo de colonização agrícola no Sul e Sudeste do Brasil havia entrado em uma fase acelerada de modernização e integração econômica. Uma importante mão-de-obra encontrava-se desocupada ou expulsa e em busca de novos espaços de expansão.

Por fim, a partir dos anos 1960 e 1970, as duas frentes de colonização que percorreram, durante mais de cem anos, as regiões Sul e Sudeste do Brasil, encontravam-se no oeste do Paraná, a dois passos do Paraguai. Uma vinha do estado de São Paulo e foi avançando para o sudoeste; a outra vinha do Rio Grande do Sul rumo ao noroeste.

Desta forma, os sinais políticos de abertura do território à imigração brasileira, a modernização do setor agrícola do outro lado da fronteira (Brasil), a concentração fundiária que resultou de tal processo, a liberação de uma mão-de-obra rural importante no Brasil e a proximidade geo-



gráfica dessa população pioneira, além das grandes possibilidades que oferecia o setor oriental do Paraguai ao desenvolvimento da agricultura intensiva, constituíram os fatores que fizeram que a imigração brasileira fosse um fenômeno massivo. Num primeiro momento, entraram diversos atores e desenvolveu-se uma agricultura de subsistência (mandioca, milho, feijão) e comercial (menta) (PALAU & HEIKEL 1987). Rapidamente a região especializou-se na produção de soja. Pode-se notar, então, junto a essa especialização, proporção cada vez maior de imigrantes oriundos do Sul do Brasil, de origem alemã e italiana. A paisagem modificou-se, as terras florestais desapareceram pouco a pouco para deixar uma paisagem nova, aberta, uniforme, característica dos grandes espaços agrícolas do mundo (o trigo de planície de Paris, na França, o milho do cinturão agrícola de planície nos Estados Unidos ou do pampa argentino, por exemplo). Junto a esse movimento de especialização do espaço rural, pode-se observar uma dinâmica urbana interessante. Com efeito, o desenvolvimento da soja, com fim quase exclusivo de exportação, impôs uma organização territorial. A soja foi produzida de maneira moderna, que implicou uma organização complexa para trazer e comercializar máquinas e insumos diversos e proporcionar serviços múltiplos de apoio para a produção e instalação dos colonos cultivadores de soja. Surgiu uma série de serviços que iriam estimular a formação de pequenos centros urbanos dentro da zona de colonização. Ao final, a atividade gerou significativo crescimento econômico e estimulou localmente a economia, não somente dos serviços, mas também da construção, do comércio local e internacional. Foi uma etapa do processo de ocupação que acompanhou a diminuição, pelo menos de forma relativa, da imigração rural e uma crescente imigração urbana. O setor rural tornou-se mais exclusivo, necessitando cada vez menos de mão-de-obra, e a soja deixava cada vez menos espaço a outras atividades agrícolas, de subsistência ou comercial. Nota-se, então, o desenvolvimento de padrões migratórios distintos: a população imigrante era mais jovem, vinda de áreas geográficas mais próximas (o oeste do Paraná) e de origem urbana (SOUCHAUD 2002).

Ao longo desse processo, acumulou-se uma população brasileira muito importante no oriente paraguaio. É impossível conhecer com certeza seu número, mas pode-se estimar que, na segunda metade dos anos 1990, o Paraguai contava com aproximadamente 500.000 brasileiros, nascidos no Brasil, e seus descendentes. O importante é que tal processo socioespacial implica não somente uma remodelação da faixa de fronteira, mas também um processo de polarização territorial. O Paraguai integrou, em poucas décadas, um dispositivo territorial liderado pelo Brasil meridional. Ademais, notam-se de maneira acentuada os processos de diferenciação, segmentação e, às vezes, segregação, dentro da zona de colonização. Os camponeses paraguaios foram expulsos de suas terras ou privados do acesso à exploração da terra.

Espaços emergentes de imigração brasileira na Bolívia e no Paraguai

A maior parte dos 15.074 brasileiros residentes na Bolívia (Tabela 4) concentra-se no departamento de Santa Cruz (Mapa 4). Com uma superfície de 370.621 km² e uma população de 2.029.471 habitantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA 2003), o departamento de Santa Cruz tem uma densidade populacional de 5,5 hab./km². Nesse departamento fronteiriço com o Brasil, dois modelos territoriais contrastados co-existem. Na parte extrema ocidental, encontra-se um espaço que vem conhecendo, nas últimas décadas, um processo de crescimento inédito (demográfico, urbano e econômico), a tal ponto que essa região compete hoje com o centro tradicional, La Paz, e constitui apoio essencial dos diversos fluxos que se organizam no subcontinente. A cidade de Santa Cruz de la Sierra contava, em 2001 (INE, 2001), 1.135.426 habitantes. A maioria do departamento de Santa Cruz é uma zona muito pouco integrada, com baixíssima densidade demográfica. Essa aérea estende-se até a fronteira internacional, onde aparecem alguns centros urbanos pequenos e médios (Puerto Suárez, Puerto Quijarro).

A imigração brasileira, se observada por províncias, segue esse modelo de organização territorial do departamento de Santa Cruz (Mapa 4). Mais da metade dos imigrantes localiza-se na capital, Santa Cruz de la Sierra. Outros contingentes importantes encontram-se na fronteira.

As informações sobre a parte oriental de Santa Cruz são poucas. Porém, observa-se a presença brasileira em três setores de atividade: a agricultura intensiva (soja), a pecuária e a formação universitária.

As publicações do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) relativas ao censo não dão informações precisas sobre as populações imigrantes. Além dos limites habituais dos censos (periodicidade, critérios adotados para a categorização de migrante), existe o problema da localização dessas populações, já que se consideram, em alguns casos, volumes em grandes unidades administrativas. O censo 2001 menciona o fato de que os brasileiros em Santa Cruz formam a primeira comunidade estrangeira (17,43%).

O impacto dos brasileiros na região é muito variado, segundo a atividade. Os estudantes representam, provavelmente, um estoque importante, embora em declínio. Concentrados na capital, não focalizam a atenção das autoridades ou das mídias. Vindos por meio de acordos de cooperação universitária, têm um tempo de residência limitado e sua permanência não é polêmica. A situação é diferente no caso dos imigrantes do setor agropecuário. Se considerarmos o caso dos granjeiros, vemos que, apesar de serem poucos, controlam grande parte de uma atividade estratégica no país. Lembremos que a soja representa mais de 65% do valor total das exportações agrícolas da Bolívia. Em 2001, a agricultura, no departamento de Santa Cruz, ocupava 1.304.666 ha, sendo 639.500 ha de soja (CAO). Em 2001, o departamento de Santa Cruz concentrava quase a totalidade da área plantada em soja. A soja é cultivada integralmente em uma região de colonização agrícola situada ao leste de Santa Cruz de la Sierra. Primeiro, foi cultivada na margem esquerda do rio Grande,



mas ocupa agora a margem direita do rio. No total, a área cultivada é uma franja de cerca de 50 km leste-oeste e de 300 km de norte a sul. Na totalidade da superfície cultivada em soja, os brasileiros, que entraram na atividade entre 1992 e 1995, controlavam mais ou menos 200.000 ha em 2000/01, ou seja, mais ou menos 30% do total da área cultivada. Junto com os brasileiros, estão presentes outras comunidades: os bolivianos, os menonitas e os japoneses. Estes vêem sua participação no total da superfície cultivada diminuindo. Entre 1991 e 2001, os menonitas diminuiram a área de cultivo de 49% para 22% da superfície total, enquanto os japoneses representavam, em 2001, entre 7% e 10% do total; os nacionais, por outro lado, controlavam 26% (fontes diversas, CAINCO, ANAPO, CAO, Santa Cruz de la Sierra, 2003).

Essa migração dos granjeiros, de pouco impacto demográfico, tem sua importância econômica e social num país onde predomina a agricultura familiar não mecanizada, que não tem capacidade de investimento do agro-business e que não pode competir com ele, o que pode provocar conflitos pelo uso dos recursos (terras agrícolas). Os pecuaristas, apesar de serem pouco representativos, são também causas de problemas, especialmente devido à sua localização, na área de fronteira, levantando conflitos políticos, local e nacionalmente.

A migração brasileira para o Paraguai também está se desenvolvendo em novos espaços. As informações são insuficientes e é preciso iniciar pesquisas nessas áreas. O primeiro espaço de penetração dos brasileiros é o Chaco paraguaio. Nessa área, ocupam dois tipos de lugares. O primeiro é a periferia do Chaco, fronteira com Mato Grosso do Sul, onde progridem a partir de Porto Murinho para o departamento de Alto Paraguai. A principal atividade desenvolvida é a criação bovina. O segundo espaço onde ultimamente tem se destacado a presença brasileira é o centro do Chaco, onde estão as colônias menonitas, ao redor de Filadélfia. Os brasileiros presentes, estimados por de volta de 500, teriam ocupações basicamente nos serviços e no comércio, e a população seria mais jovem. Novamente, a penetração brasileira em espaços rurais causa fortes conflitos com as autoridades locais e nacionais e com os povos indígenas. Várias denúncias foram feitas, ecoadas pelo principal jornal nacional, ABC Color, sobre a ilegalidade dessas instalações, a tal ponto que provocou a intervenção direta do presidente Nicanor Frutos, em princípios de 2006. Os brasileiros lançariam obras a despeito das leis nacionais, atuando na ilegalidade no que se refere à proteção de áreas ambientais e territórios indígenas ou contrabandeando maquinaria e gado.

Por fim, informações circulam (novamente sem estudos formais) sobre investimentos imobiliários brasileiros em Assunção. A capital está conhecendo um processo de modernização e de reestruturação que, entre outros aspectos, provocou o deslocamento do centro para o bairro de Villa Morra, deixando o centro histórico degradado. Esse processo abre campo para especuladores internacionais (logo, brasileiros). Uma das perguntas que essa penetração provoca refere-se a possíveis ligações entre os capitais do agro-business brasileiro e a regeneração urbana em Assunção. Os paraguaios vêem com receio a possibilidade de Assunção, depois da zona oriental, ser controlada

por capitais privados estrangeiros. Isso alimenta discursos sobre a efetividade da soberania nacional e reações de rejeição em relação aos brasileiros, questão que merece maior atenção.

Considerações finais

A migração intra-regional na América do Sul tem adquirido relevância frente aos novos padrões de integração política e econômica que estão em processo na região, como também pela diminuição em números absolutos da imigração transoceânica. O recorte territorial assumido neste trabalho, ou seja, Brasil, Bolívia e Paraguai, contempla parte importante da questão migratória regional, que recebeu tratamento amplo, porém pouco profundo. Ainda assim, podemos apresentar alguns elementos de destaque e que apontam para a necessidade de investigações específicas e com maiores detalhes.

O retorno de grande proporção dos brasileiros residentes no Paraguai observado em 2000, por exemplo, é um aspecto que deve ser analisado com cuidado. As razões para o retorno, o perfil do migrante retornado, os locais de chegada, são elementos que podem ser aprofundados a partir da utilização dos dados censitários e de uma revisão bibliográfica sobre a reestruturação produtiva que tem lugar no Paraguai e no Brasil. O aumento do número de bolivianos no território nacional, da mesma forma, pode e deve ser analisado de forma mais completa e sistemática por meio das mesmas fontes citadas acima.

Observamos que a distribuição dos paraguaios e bolivianos pelo Brasil acontece de forma desigual: os paraguaios estão mais espalhados e podem ser encontrados em um número de municípios duas vezes maior que os bolivianos. Entretanto, podemos perguntar o porquê de os paraguaios se assentarem no Mato Grosso ou Rondônia, que são regiões afastadas da fronteira com o Paraguai e não são locais de alta atratividade migratória; ou ainda, o que fazem os bolivianos no Sul. Dessa forma, a inclusão de novas variáveis e a desagregação dos dados censitários são procedimentos fundamentais para a elaboração de um trabalho mais completo e que permita melhor compreensão dos fatos e processos recentes, no que se refere à questão migratória.

Outra questão possível é o motivo do crescente número de paraguaios em Foz do Iguaçu e Ponta Porã. Seriam realmente paraguaios que vêm tentar a vida neste lado da fronteira ou filhos de brasileiros que nasceram no Paraguai e que, com o retorno dos pais, passam por estrangeiros? A recente ampliação do número de bolivianos em Corumbá está relacionada ao crescente contingente que chega a São Paulo ou são processos completamente distintos? Mais uma vez, somente com um trabalho mais específico seremos capazes de abordar tais questões e ainda gerar outras.

Um trabalho futuro deverá incluir a análise da estrutura etária da população migrante, assim como informações sobre ocupação, renda e anos de estudo, particularmente para os locais de



maior concentração de imigrantes. Comparações entre lugares de destino de um mesmo fluxo, ou entre diferentes fluxos, serão abordagens obrigatórias. Também as análises sobre os brasileiros retornados, principalmente do Paraguai, estarão presentes em eventual trabalho futuro, quando podermos nos debruçar sobre dados censitários com mais empenho.

Tais orientações ou sugestões encaixam-se em um projeto que se encontra em desenvolvimento no Núcleo de Estudo de Populações (NEPO) da Unicamp, em parceria com o Institut de Recherche pour le Développement (IRD-França), que, no período 2005-2009, tratará de analisar o processo migratório entre Brasil/Paraguai e Brasil/Bolívia.

Como fruto dessa parceria, um aspecto que poderá ser incorporado é a migração de bolivianos em Corumbá, uma vez que terminamos recentemente um *survey* nessa cidade, realizado com o objetivo de conhecer em detalhes o processo migratório. A partir do banco de dados resultante, será possível apreender elementos que de outra forma seria impossível em função da limitação qualitativa dos questionários do censo. Como exemplo, podemos citar a possibilidade de mapear as redes familiares e de amizade que orientam a migração dessas pessoas. Poderemos, ainda, conhecer as várias etapas migratórias e descrever a evolução desses fluxos no tempo, com a vantagem de analisar as conexões dos bolivianos de Corumbá com outros espaços, na Bolívia, no Brasil e no exterior.

Por fim, cabe fazer duas sugestões. A primeira é que o censo brasileiro poderia captar com maiores detalhes a origem do imigrante internacional, ou do retornado brasileiro, quando se tratar de países da América do Sul, utilizando o mesmo procedimento para registro adotado no caso das Unidades da Federação. Esse nível de detalhamento preencheria lacuna importante, uma vez que temos ampliado nosso conhecimento acerca das nações vizinhas em vários aspectos, e o incremento de informações sobre os lugares de origem dos migrantes da América do Sul complementaria o arcabouço instrumental para a realização de estudos mais precisos.

Bibliografia

- CELADE (2002), La migración internacional y el desarrollo en las Américas, Santiago de Chile, CEPAL-CELADE, 541.
- CORTÊZ C. (1993), *Brasiguaios, os refugiados desconhecidos*, São Paulo, Brasil Agora, 218.
- FOGEL R. (1990), *Los campesinos sin tierra en la frontera*, Asunción, Comité de Iglesias, 174.
- FOGEL R., RIQUELME M., éds. (2005), *Enclave sojero. Merma de soberanía y pobreza*, Asunción
- FOUCHER M. (1988), *Fronts et frontières. Un tour du monde géopolitique*, Paris, Fayard, 527.
- FUSCO W. (2005), *Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, Campinas, Tese de doutorado, IFCH 143.
- GAINARD R. (1978), "Terres neuves et frontières : contrastes de mise en valeur et rapports de domination sur le Moyen Paraná ". *Etudes offertes à Louis Papy*. Bordeaux, Ceget/Msha, 67-74.
- GALEANO L. (1993), "Modernización agraria y transición democrática en Paraguay ", *Revista paraguaya de sociología* 30 (87), 153-69.
- HAESBAERT R. (1999) "Regiões transfronteiriças e migração brasileira em países do Mercosul ", VII Encontro Nacional da ANPUR-Assoc. Nac. Planej. Urbano e Regional, Porto Alegre.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (2003), *Bolivia : Características sociodemográficas de la población*, La Paz, INE, 319.
- KOHLHEPP G. (1984), "Colonización y desarrollo dependiente en el Oriente paraguayo ", *Revista Geográfica* (99), 5-33.
- KOHLHEPP G. (1999), "Incorporação do espaço fronteiro do leste do Paraguai na esfera de influência brasileira ". *El espacio interior de América del Sur : geografía, historia, política, cultura*. Potthast, B.; Kohut, K. Kohlhepp, G. éds. Madrid, Iberoamericana, 205-25.
- LAINO D. (1977), *Paraguay : fronteras y penetración brasileña*, Asunción, Cerro Corá, 227.
- LEFEBVRE H. (2000), *La production de l'espace*, Paris, Anthropos, 516.
- MARTÍNEZ PIZARRO J. (2001), *El mapa migratorio internacional de América Latina y el Caribe : patrones, perfiles, repercusiones e incertidumbres*, Santiago de Chile, CEPAL, 28.
- MARTÍNEZ PIZARRO J. (2003), "El mapa migratorio de América Latina y el Caribe, las mujeres y el género ", *Serie población y desarrollo* (44), 96.
- MARTÍNEZ PIZARRO J., VILLA M. (2002), "Tendencias y patrones de la migración internacional en América latina y el Caribe ". *Simposio sobre migraciones internacionales en las Américas*, San José de Costa Rica, 4/6 sept. 2000. Santiago de Chile, CEPAL/CELADE, 23.
- NAGEL B. Y. (1991), "Socioeconomic differentiation among small cultivators on Paraguay's eastern frontier ", *Latin American Research Review* (26), 103-32.



- NEUPERT R. (1991), " La colonización brasileña en la frontera agrícola del Paraguay ", Notas de Población (51-52), 121-54.
- NICKSON R. A. (1981), " Brazilian colonization of the eastern border region of Paraguay ", Latin American Studies 13 (1), 111-31.
- PALAU T. V. (1996), " Migração transfronteiriça entre Brasil e Paraguai : o caso dos brasiguaios ". Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Patarra, N. L. éd. Campinas, FNUAP. 1, 200-7.
- PALAU T. V., HEIKEL M. V. (1987), Los campesinos, el Estado y las empresas en la frontera agrícola, Asunción, Base/Pipsal, 333.
- PÉBAYLE R. (1994), " Les Brésilguayens, migrants brésiliens au Paraguay ", Revue Européenne des Migrations Internationales 10 (2), 73-86.
- PELLEGRINO A. (2003), " La migración internacional en América Latina y el Caribe : tendencias y perfiles de los migrantes ", Serie población y desarrollo (35), 41.
- SALES T. (1996), " Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul ", Revista Brasileira de Estudos de População 13 (1), 12.
- SALES T. (1999), Brasileiros longe de casa, São Paulo, Editora Cortez
- SALES T. (2006), " ONGs brasileiras em Boston ", Estudos Avançados 20 (57), 75-91.
- SILVA (DA) S. A. (1997), Costurando sonhos: Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo, São Paulo, Paulinas
- SILVA (DA) S. A. (2003), Virgem/Mãe/Terra. Festas e tradições bolivianas na metrópole, São Paulo, Hucitec/Fapesp, 263.
- SILVA (DA) S. A. (2006), " Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade ", Estudos Avançados 20 (57), 157-70.
- SOUCHAUD S. (2002), Pionniers brésiliens au Paraguay, Paris, Karthala, 406.
- SOUCHAUD S. (2005), " Dinámica de la agricultura de exportación paraguaya y complejo de la soja : una orgnaización del territorio al estilo brasileño ". Enclave sojero. Merma de soberanía y pobreza. Fogel, R.Riquelme, M. éds. Asunción, 15-34.
- SPRANDEL M. A. (1991), " Brasiguaios: os camponeses e as regras do jogo político nas fronteiras do Cone Sul ", Travessia : Revista do Migrante 4 (11), 9-13.
- SPRANDEL M. A. (2006), " Brasileiros na fronteira com o Paraguai ", Estudos Avançados 20 (57), 137-55.
- ZOOMERS E. B., KLEINPENNING J. M. G. (1990), " Colonización interna y desarrollo rural : el caso del Paraguay ", Revista Geográfica, I.P.G.H (112), 109-25.



Ministério da
Ciência e Tecnologia

